

Fonte: a Gazeta  
Data: 15.10.48

Class.: PIP-antidontes  
Pg.: 457

# Fogo, fumaça e bruma

São os maiores contratemplos que os expedicionários têm encontrado na sua viagem pelo Manitsauá — Os índios Caiapós — Aspecto da região — Uma canguçu abatida por certo tiro — O dia da Independência no pouso — A chegada do avião — Outras notas

Vanguarda da Expedição, setembro (Por Claudio e Orlando Vilas Boas)  
Ao meio-dia em ponto, movimentamos os batelões e partimos rio acima. O rio Manitsauá tem aspecto diferente do que vínhamos navegando até agora. Fundo, sem prafas, com uma largura média até o momento de 150 metros.

Depois de algumas horas de viagem, aportamos em uma barranca e entramos na mata, a fim de verificar o tipo de vegetação que vimos notando a diferenciar das matas marginais do Xingú. Realmente, notamos muita diferença. As matas aqui são limpas por baixo e formadas de arvores altas e troncos retineos. Assim como no Xingú, grandes capões de palmeiras inajá e bacaba embelezam as margens do rio.

As 6 horas da tarde encostamos em uma barreira da margem direita, para pouso. Foi o nosso pior pouso.

As "muricocas" logo cedo começaram a nos atormentar. Só depois de instalarmos acampamento foi que notamos tocas e "comedores" de aranha bem próximo. O mau cheiro nesses lugares é insuportável. O adiantado da hora, porém, não nos permitia procurar outro lugar. Por falta de melhor local em terra, Sebastião instalou nos batelões a estação de rádio.

Estamos iniciando hoje, dia 31, nosso segundo dia de viagem no Manitsauá Missú. O rio ora se estreita, ora se alarga, e então surgem corredeiras que, felizmente, estamos atravessando bem. Nossa primeira etapa no Manitsauá terminará na barra de um afluente que ele recebe da direita onde verificamos de avião, oferece lugar para um campo de emergência. A sorte hoje está melhor que ontem. Já conseguimos matar dois patos e um mutum de castanha, o que representa um almoço e um jantar variados.

O aspecto do rio continua o mesmo. A mesma mata alta das margens.

### A BARRA DO PEQUENO RIO

Ao meio-dia, atingimos a barra do pequeno rio que procurávamos e que desagua no Manitsauá, pela margem direita. Fizemos nosso acampamento numa ponta alta de terra entre o afluente e o curso principal. Neste lugar estamos encontrando os primeiros vestígios de índios. Bem nos disseram os Juruna que este rio é frequentado pelos Tchucarramãe, os mais terríveis e temíveis índios de toda a região. Os Tchucarramãe, que presumimos sejam os mesmos Caiapós que incursionam os seringais do meio Xingú, tem sua história ligada a inúmeras tribus do Alto Xingú. Os vestígios que começamos a encontrar são bastante característicos das hordas Caiapós, que em constante estado de guerra com os seringueiros e castanheiros. Na barra do pequeno afluente fizemos um grande alto para almoço e para preparar um descampado, que havíamos localizado de avião. Logo após o almoço, que o caça já trazia pronto, dividimos o pessoal em três turmas e saímos em uma exploração em profundidade, para tomar conhecimentos com o terreno. Eram cinco horas quando nos reunimos de volta. Muita coisa foi vista. Uns encontraram uma lagoa depois de um capão de cerradão. Outros, deram com um descampado agradável. A terceira turma, finalmente, saiu em uma parte mais ou menos descoberta onde se torna possível abrir um campo provisório. Tamacu e Tacomi, que faziam parte de um dos grupos, ao passarem por uma lagoa, não perderam tempo; flecharam e trouxeram alguns tucunares.

Subimos com todos os batelões pelo afluente acima e na altura que julgamos mais próxima do terreno encontrado, fizemos novo acampamento. Não era possível fazer mais nada. Estávamos cansados e já era tarde.

O amanhecer do dia 1.º de setembro nos alcançou instalando melhor o acampamento e descarregando os batelões. Nossa demora por aqui será de 10 dias, mais ou menos. O suficiente para alguns pequenos reabastecimentos. O campo, abriremos em poucos dias. O lugar favorece a abertura de um em condições provisórias. Uma vez reabastecidos, reiniciaremos viagem Manitsauá acima e procuraremos localizar lá bem no alto um lugar amplo e favorável, para um posto com campo definitivo.

Um acampamento na mata é sempre agradável e o que instalamos hoje, a margem do pequeno rio que mede aqui uns 30 metros de largura, ficou bem localizado. A água é clara e saudável e o peixe abundante.

Iniciamos, hoje mesmo, a demarcação do campo. Esperamos tê-lo pronto amanhã.

É um lugar que alaga no tempo das águas. Consiste essa área de uma camada compacta de areia, com uns 40 centímetros de espessura, sobre uma camada de cascalho. Isto numa extensão de mais de quillometro. A superfície desse lugar é muito plana, coberta por vegetação mirrada, própria dos terrenos alagadiços.

A noite passada, uma onça aproximou-se das nossas redes, mas o fogo a afastou. O fogo está se alastrando terrivelmente pela mata. O vento que estava nos ajudando impelindo a fumaça para longe, deixou de soprar à noite e densas nuvens de fumaça nos obrigaram abandonar o acampamento.

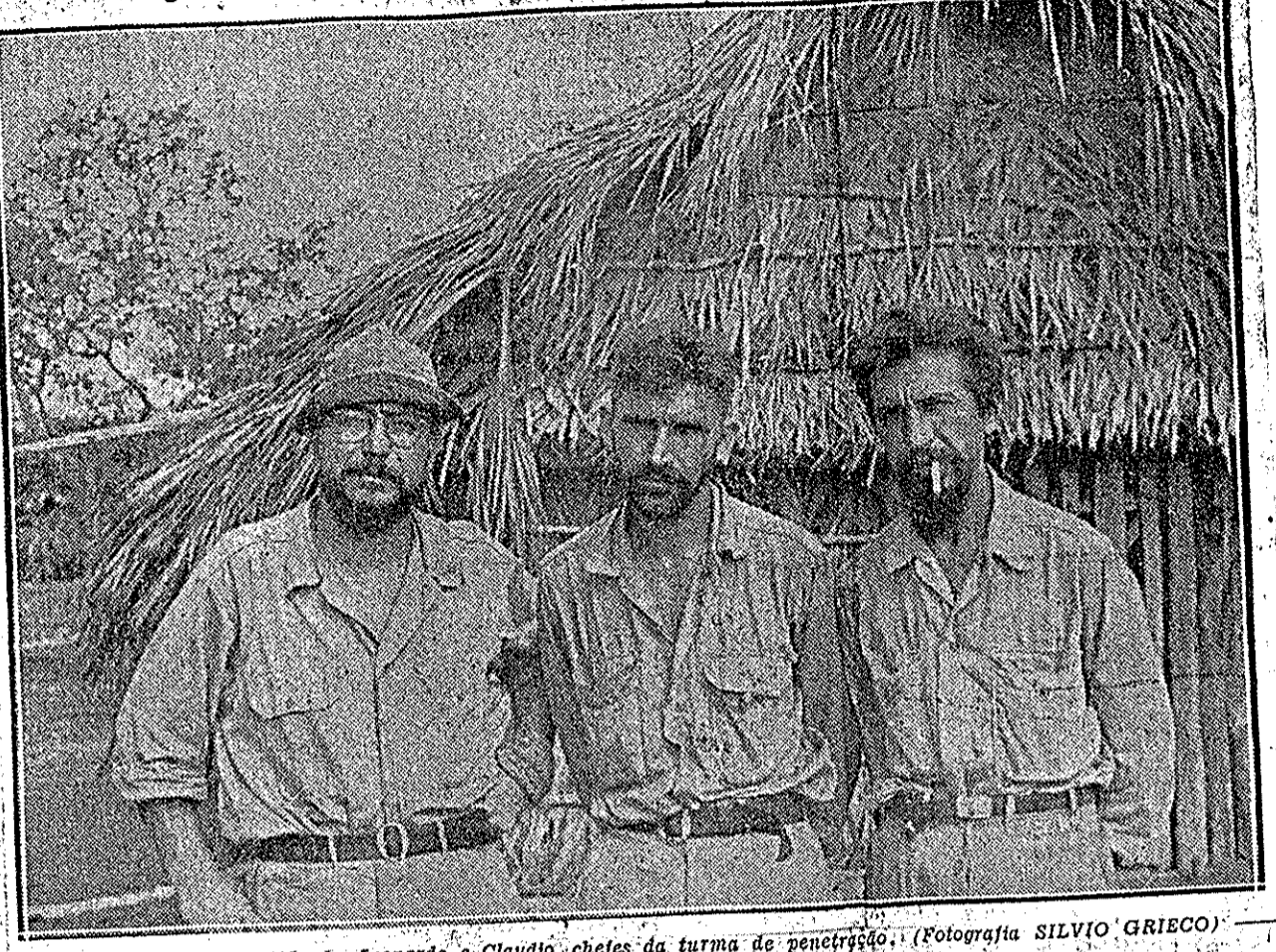
Hoje, dia 3, fomos premiados logo cedo com uma enorme anta que, caminhando distraída, invadiu nosso acampamento. Surpreendida, quis retroceder, mas recebeu um tiro mortal.

O fogo continua devastando a mata e a bruma está cada vez mais densa e baixa.

Cearense, grande madrugador, nos informou hoje que ouviu bem cedo gritos distantes vindos do outro lado do rio. Não vimos, porém, até agora, sinais recentes de índios. Os cachorros fizeram grande alarido esta noite, mas é bem possível que tenha sido anta ou alguma onça atrevida.

Temos tido aqui peixes de várias variedades: bicuda, piranha, pitorara, pintado, isto sem falar nos tucunares e matrinchás flechadas pelos índios. Estamos na fase final do campinho. O banho no rio é o nosso maior divertimento.

Soubemos pelo rádio que a bruma se-



Irmãos Vilas Boas: Orlando, Leonardo e Claudio, chefes da turma de penetração. (Fotografia SILVIO GRIECO)

ca entre o Mortes e o Culueño está impedindo a vinda dos aviões para o Xingú.

### ABATIDA UMA ONÇA

Hoje, dia 4, fomos despertados bem cedo pelos esturros de uma onça, tão perto que tivemos a impressão de que o solo estremeceia. Os cachorros que estavam aninhados em roda do fogo, por causa do frio, levantaram de um salto e saíram em perseguição. A menos de 50 metros deram com ela.

Acuada pelos cães, fugiu para mais adiante trepar em uma árvore inclinada. Os cachorros em baixo continuaram acuando, enquanto a onça rosnando sussurava com os olhos, seus importunos perseguidores. Quando chegamos, ainda pudemos vê-la, arreada nas patas trazeiras, atenta ao menor movimento que se fizesse em redor. Era uma bela, slma canção. Quando nos viu, tirou os olhos dos cachorros e passou a vigiar nossos movimentos. O quadro era estupendo e por um instante tivemos pena em tirar tão busca mente a vida de tão soberbo felino. Até ali, vivera feliz e livre como rei inventado das matas. Borew, agora, tinha a honra de ser abatido por um caçador de uma 44. Mesmo observada, a onça não tem gestos bruscos nem perde sua tranquilidade. Seus movimentos continuam seguros e calmos. Com a nossa chegada os cães se aquietaram, e, ela, com olhos miudos, vivos, continuava nos fu-

silando, enquanto que com uma das patas limpava vagarosamente a baba que lhe caía da boca.

O espetáculo era belo, porém, mais belo ainda era o alvo. Demos o primeiro tiro. A onça vasculou, os cachorros latiram, ela se firmou novamente no tronco onde estava. O tiro, porém, foi mortal; novamente ela vasculou, desliza agora pelo tronco, mas logo perde totalmente o equilíbrio e cai pesadamente ao solo.

A manhã tinha sido movimentada, mas o campo necessitava ainda de algum serviço. Deixamos um homem tirando o couro da canguçu e tocamos para o campo.

A bruma começa a nos preocupar seriamente. Terminaremos hoje o serviço do campo e ficaremos aguardando o avião. Hoje passamos quase sem sol, devido à bruma e à fumaça.

Dia 5, primeiro domingo depois de nossa saída do Posto Xingú. Novamente o fogo nos atormentou esta noite.

Ao escurecer, nuvens de muricocas invadiram nosso pouso. Mas não. Ainda há pouco ouvimos vinda do interior da mata, a voz surda do anambé, que se parece muito com o berrante do veadinho reunindo o gado. Ao anoitecer, da "mãe da lua" — urutan — o silêncio da mata e se perde a

Hoje, dia 6, amanheceu e correu calmo. A mesma bruma, o mesmo fogo e a mesma espera do avião. Nossas atividades não foram além do acampamento. Todas as tardes, bandos de araras vermelhas cruzam por sobre nossas cabeças numa algazarra infernal.

Hoje, dia da Independência, hasteamos, com todo o pessoal presente, a bandeira. Organizamos duas turmas de caça, que sairão bem cedo. Uma pelo rio e outra entrando pela mata, levando os cachorros.

Tivemos notícias que o avião vai tentar novamente furar a bruma e chegar até aqui.

O tempo ainda desta vez não permitiu que viesse o avião. As turmas que saíram à caça regressaram satisfeitas. Tivemos patos, mutum de castanha, veado mateiro e um jaboti.

Dia 8. O tempo está melhorando sensivelmente, e a bruma levantando, graças ao vento. Passamos o dia na expectativa do avião. O Douglas do Correio Aéreo Nacional deverá chegar hoje no nosso Posto do Xingú. Pelo nosso rádio, infelizmente funcionando mal, ouvimos da decolagem do avião.

Expedição, aterrrou aqui o Piper da te, nosso corajoso piloto que corta, em toda época do ano, a região bruta do Xingú.